

## TRABALHO DE CAMPO E A FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE GEOGRAFIA: UMA EXPERIÊNCIA NO SEMIÁRIDO NORTE MINEIRO

### FIELDWORK AND THE FORMATION OF THE GEOGRAPHY PROFESSOR: AN EXPERIMENT IN THE MINEIRO SEMI-ARID NORTH

### TRABAJO DE CAMPO Y LA FORMACIÓN DEL PROFESOR DE GEOGRAFÍA: UNA EXPERIENCIA EN EL SEMIÁRIDO DEL NORTE DE MINAS GERAIS MINERO

Gustavo Henrique Cepolini Ferreira<sup>1</sup>  
Lucas Augusto Pereira da Silva<sup>2</sup>  
Ivani Batista Paim<sup>3</sup>  
Célia de Assis Mata<sup>4</sup>

**RESUMO:** O presente ensaio visa sistematizar as ações oriundas do trabalho de campo na formação do professor de Geografia, tendo como base uma experiência no semiárido Norte Mineiro. Assim, este estudo objetiva demonstrar o trabalho de campo como um procedimento metodológico para auxiliar professores, tanto da educação básica, quanto do ensino superior, cuja justificativa está atrelada a uma proposta teórico-metodológica em consonância com outros recursos didático-pedagógicos na formação inicial e continuada dos professores de Geografia. Assim, realizou-se um trabalho de campo em três municípios do Semiárido Norte Mineiro, a saber: Buritizeiro, Pirapora e Várzea da Palma, com duas turmas do Curso de Licenciatura da Universidade Estadual de Montes Claros, sendo o 1º e o 6º períodos, visando analisar algumas dinâmicas locais e regionais à luz das concepções geográficas. A metodologia foi desenvolvida juntamente com os estudantes do 6º período, que organizaram as atividades do trabalho de campo e apresentaram aos estudantes do 1º período. Por fim, após a realização das atividades juntamente com os acadêmicos, aplicou-se uma avaliação do trabalho de campo, elaborada por meio de um relatório técnico e fotográfico sobre o trabalho de campo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Trabalho de Campo; Formação do Professor; Ensino de Geografia.

<sup>1</sup> Professor do Departamento de Geociências e PPGeo – UNIMONTES. E-mail: gustavo.cepolini@unimontes.br

<sup>2</sup> Mestrando em Geografia – PPGeo – UNIMONTES e Bolsista CNPq-CAPES no Projeto: Colapso das veredas no sertão mineiro: efeitos antrópicos locais e mudanças climáticas globais. E-mail: lucaskaio1605@gmail.com

<sup>3</sup> Graduada em Geografia – UNIMONTES, foi Bolsista de Iniciação Científica (UNIMONTES/FAPEMIG) e Iniciação à Docência (PIBID/CAPES). ivanibpaim@hotmail.com

<sup>4</sup> Graduada em Geografia – UNIMONTES, foi Bolsista de Iniciação Científica (UNIMONTES/FAPEMIG) e Iniciação à Docência (PIBID/CAPES). E-mail: celiamata1981@hotmail.com

**ABSTRACT:** This essay aims to systematize actions of fieldwork in the formation of the Geography Professor, from an experiment in the Mineiro Semi-arid North. Hence, this study aims to demonstrate fieldwork as a methodological procedure to assist Professors in both basic and higher education training, whose justification relates to a theoretical-methodological proposal, lined with other didactic-pedagogical resources, in initial and ongoing training of Geography Professors. Thus, it was carried out a fieldwork in three municipalities of the Mineiro Semi-arid North, namely: Buritizeiro, Pirapora and Várzea da Palma, with two classes of the first and sixth undergraduate levels, of the Geography undergraduate degree course of the Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES. The purpose was to analyze some local and regional dynamics, in the light of geographical concepts. Methodology developed with the students of the sixth level, who planned the fieldwork activities and presented them to the students of the first level. Finally, after developing activities with the students, a fieldwork evaluation was applied, and a technical and photographic report on the fieldwork prepared.

**KEYWORDS:** Fieldwork; Teacher formation; Geography teaching.

**RESUMEN:** El presente ensayo pretende sistematizar las acciones oriundas del trabajo de campo en la formación del profesor de Geografía, teniendo como base una experiencia en el semiárido Norte de Minas Gerais. Este estudio objetiva demostrar el trabajo de campo como un procedimiento metodológico para auxiliar a los profesores: tanto de la educación básica, como de la enseñanza superior, cuya justificación está vinculada a una propuesta teórico-metodológica en consonancia con otros recursos didáctico-pedagógicos en la formación inicial y continuada de los profesores de Geografía. En este sentido, se ha realizado un trabajo de campo en tres municipios del Semiárido Norte Mineiro: Buritizeiro, Pirapora y Várzea de Palma, con dos grupos del Curso de Licenciatura de la Universidad Provincial de Montes Claros, siendo del 1° y el 6° semestres, para analizar algunas dinámicas locales y regionales a la luz de las concepciones geográficas. La metodología fue desarrollada junto con los estudiantes del 6° semestre que organizaron las actividades del trabajo de campo así como se la presentaron a los estudiantes del 1° semestre. Por último, tras la realización de las actividades junto con los académicos, se aplicó una evaluación del trabajo de campo, elaborada por medio de un informe técnico y fotográfico sobre el trabajo el mismo.

**PALABRAS CLAVE:** Trabajo de Campo; Formación del profesor; Enseñanza de Geografía.

## INTRODUÇÃO

A formação do professor em várias áreas e subáreas das ciências deve ser contemplada com experiências vividas *in loco*, visto que a sala de aula, por vezes, limita-se às concepções teóricas que abarcam a ciência, bem como as práticas de formação, legislações, didáticas e metodologias específicas dos cursos de Licenciatura.

Na Geografia isto se torna mais pertinente, devido ao emaranhado do arcabouço teórico que essa ciência oferece para a formação de um profissional capacitado para ministrar aulas, sobremaneira, para a Educação Básica.

Diante desta constatação, fica a questão acerca do que pode ser útil no bojo da formação do professor de Geografia, com o intuito de auxiliar a enriquecer a regência. Assim sendo, o trabalho de campo pode ser uma peça chave na interpretação dos fenômenos sociais, espaciais, populacionais, históricos e ambientais, e é neste sentido que Cioccarri (2013) define o trabalho de campo como a observação e interpretação de fatos e fenômenos concretos, tendo a fundamentação teórica que explicita o objeto de estudo.

Uma vez que o estudo foi desenvolvido em esferas municipais, Callai et al. (1988) explicam que entender/estudar o próprio município é essencial para que o estudante possa discutir de maneira crítica a realidade na qual vive, bem como a de outros contextos.

A partir dessa premissa, é importante salientar que esse estudo tem como objetivo mostrar que o trabalho de campo apresenta-se como um procedimento metodológico importante no auxílio dos professores, tanto da educação básica quanto do ensino superior. Portanto, os trabalhos de campo, estudos do meio e visitas técnicas são indicados como recursos didático-pedagógicos fundamentais para a formação inicial e continuada dos professores de Geografia. Por isso,

[...] os conteúdos são instrumentos e a escolha desses instrumentos vai depender da sua utilidade para os alunos. Então o objetivo é o de formar raciocínio espacial, formar esses raciocínios é mais que localizar, é entender as determinações e implicações das localizações, e isso requer referências teóricas-conceituais. (CAVALCANTI, 2002, p. 14).

Este entendimento é relevante, visto que a proposição de um trabalho de campo coloca-se claramente em consonância com o processo de ensino-aprendizagem, seja para explorar e/ou analisar elementos da paisagem, realizar entrevistas, coletar dados, mapear e localizar determinados fenômenos espaciais, além de levantar problemas para posterior intervenção e/ou pesquisas. Conforme

afirma Sena (2001), os estudos do meio vão além dos trabalhos de campo, pois possuem uma característica interdisciplinar de coletas e discussões mais amplas para observação e análise da área a ser estudada<sup>5</sup>.

Nesse contexto, cabe evidenciar que o trabalho de campo:

É uma oportunidade de pesquisa fora da sala de aula. Bem organizado, permite perceber a ação da sociedade no tempo e no espaço, e também que as pessoas se percebam como sujeitos. Propicia o contato direto do educando com o objeto de estudo, facilitando a consolidação do conhecimento. Ele pode ser uma forma de estudar a realidade se distanciando dos textos precários apresentados por alguns livros didáticos (CAMPOS; PLÁCIDO, 2011, p. 6).

Por isso, o trabalho de campo demanda um trabalho prévio de planejamento, ou seja, o que se pretende evidenciar no ato de educar e pesquisar. Trata-se de uma prática formativa elementar em diálogo com uma dada disciplina curricular ou eletiva, podendo contar com a participação de vários docentes, pesquisadores e demais entrevistados em campo. Na concepção de Serpa (2006, p. 21), o trabalho de campo na Geografia “[...] não significa pregar a volta ao empirismo descolado da perspectiva da teorização, ao contrário, conceitos, teorias e procedimentos metodológicos devem construir uma unidade orgânica”.

Diante dessa premissa, a organização do trabalho de campo na formação inicial do professor de Geografia remete à construção de múltiplos saberes, cujo desenvolvimento da pesquisa geográfica engloba a visão de mundo dos sujeitos na sua relação mais profunda. Por isso, vale salientar que:

O trabalho de campo é gerador de conhecimento geográfico, pois representa o espaço onde se recolheram as informações para a elaboração de conhecimento científico teórico, bem como o lugar onde as teorias são testadas. Considerado e valorizado como um instrumento importante para o desenvolvimento do conhecimento geográfico, o trabalho de campo faz com que o processo de observação se revista de real significado para o geógrafo, ou seja, é através da investigação e observação que se tenta compreender e interpretar a realidade que o rodeia (FERREIRA, 2016, p. 11).

Assim, salienta-se que o trabalho de campo pode transformar palavras em memórias vivas, fazendo com que os envolvidos descrevam e transcrevam as teorias a partir dessa construção respaldada em uma Educação Geográfica para

---

<sup>5</sup> Sobre tais estudos do meio, Pontuschka et al. (1991, p. 47) apresentam uma fecunda análise a partir dos pilares norteadores dessa atividade, quais sejam: “1. reconhecimento do espaço social a ser estudado, no qual arrolamento das fontes (de natureza variada – arquivos, memória e objetos materiais) de sua história é imprescindível; 2. Definição da problemática a ser estudada; 3. Organização do roteiro a ser seguido, com definição de todas as atividades, seja de coleta de material e equipamentos a serem usados e 4. A execução do estudo propriamente dito e o tratamento posterior”.

além da observação, ou seja, trata-se de uma proposição ativa e participante como cunhou Brandão (1988) e Marcos (2006).

Ferreira e Batista (2012) tecem considerações sobre o papel interdisciplinar dos trabalhos de campo na formação do professor e permitem dialogar com a proposição de Compiani e Carneiro (1993) ao classificarem os trabalhos de campo em ilustrativo, indutivo, motivador, treinador, investigativo e autônomo, os quais demandam uma intervenção do professor-orientador para construção das habilidades profissionais-pedagógicas.

Antes de dar sequência ao procedimento metodológico, aos debates e às análises dos resultados, faz-se necessário compreender a caracterização dos locais visitados, vista no item a seguir.

## LOCALIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO E POTENCIAL PARA TRABALHOS DE CAMPO

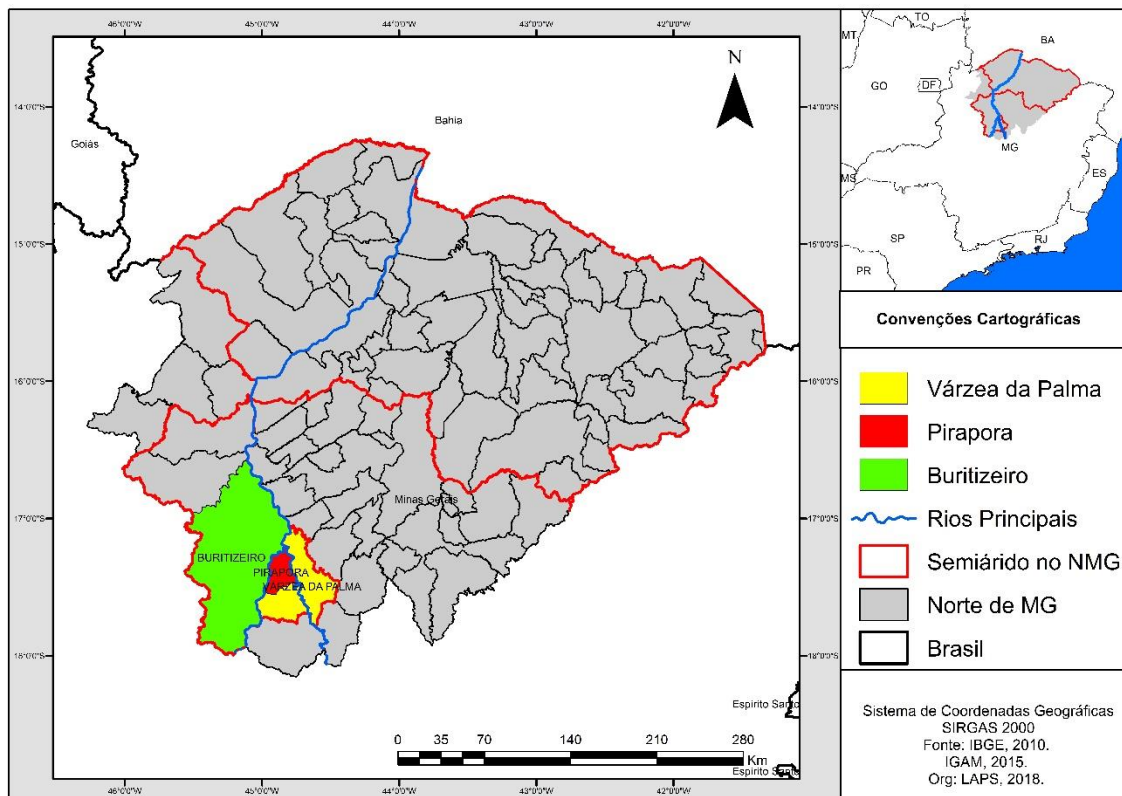
O trabalho de campo foi desenvolvido em três municípios do Norte de Minas Gerais, inseridos no Semiárido Brasileiro, sendo eles: Buritizeiro, Pirapora e Várzea da Palma, conforme apresentado na figura 1:

Figura 1: Mapa de Localização da área de estudo<sup>6</sup>

---

<sup>6</sup> De acordo com o Projeto de Lei Complementar (PLP) 76/07, aprovado em 31 de outubro de 2017, que inclui 81 municípios de Minas Gerais e dois do Espírito Santo na área de abrangência da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE). Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2017-10/camara-aprova-mais-81-municipios-de-minas-gerais-e-do-espírito-santo-na>>. Acesso em: 16 mar. 2018.





Fonte: IBGE, IGAM e LAPS. Org. LAPS, 2018.

É importante ressaltar que os três municípios visitados são beneficiados naturalmente pelo Rio São Francisco e pelo Rio das Velhas. Sobre essa virtude natural, serão abordados pontos específicos que apontam para os fatores socioeconômicos e históricos discutidos durante o trabalho de campo.

Dentro do contexto físico da área de estudo, os municípios estão na morfoestrutura da bacia do Rio São Francisco. Do ponto de vista biogeográfico, esses municípios possuem: Campo Cerrado, Formações Rupestres, Floresta Estacional Decidual, Cerradão, formações de veredas e outras fitofisionomias. O tipo climático caracterizado para os municípios é o tropical úmido/subúmido, com inverno seco e verão chuvoso, o regime térmico é caracterizado por temperaturas médias mensais: janeiro em torno de 25°C a 24°C; junho e julho entre 20°C a 21°C (IBGE, 1997).

Do ponto de vista demográfico, segundo o IBGE (2017), Buritizeiro possui 26.922 habitantes, com um PIB per capita de 10.929,18 reais. O segundo município, Pirapora, possui 53.368 habitantes, com PIB per capita de 26.820,37 reais. Várzea da Palma possui aproximadamente 38.329 habitantes, com PIB per capita de aproximadamente 17.000 reais.

As principais atividades que são consideradas motrizes da economia dos municípios:

- **Buritizero:** destaca-se a agropecuária com uma maciça concentração de pastagens no município, também a agroindústria, com plantios de eucalipto voltado para o setor fabril, prestação de serviços, sobretudo ligado à questão energética.
- **Pirapora:** observa-se a Indústria, a prestação de serviços com concentração de comércio e, recentemente, a instalação da maior usina de energia solar da América Latina no município, fato este que será abordado em seção específica.
- **Várzea da Palma:** concentra-se na agropecuária e, principalmente, na indústria.

Analisando os fatores naturais e socioeconômicos dos municípios estudados em campo, a vivência e a leitura visual dos fatos, pode-se afirmar que estes municípios apresentam um bom potencial para análise de campo, diferente das discussões abordadas em sala de aula que acontecem somente no campo teórico.

## METODOLOGIA

Para a realização deste estudo, foi necessário seguir de maneira fidedigna um cronograma previamente estabelecido, construído coletivamente pelo professor e os estudantes ainda no ambiente da Universidade, para a organização de um trabalho de campo no dia 18 de novembro do ano de 2017. Antes de apresentar o cronograma, é importante esclarecer que o trabalho de campo foi realizado com duas turmas do curso de graduação em Geografia da UNIMONTES, sendo uma do 1º e outra do 6º período, e contemplou os alunos que estavam cursando as disciplinas Métodos e Técnicas de Pesquisa em Geografia e Geografia do Brasil: Nordeste, respectivamente.

As atividades do trabalho de campo destinadas ao 6º período envolviam apresentar temáticas variadas, conforme o conteúdo da disciplina que cursavam nesse período (Geografia do Brasil: Nordeste). Para o 1º período, foi determinado que a partir da observação em campo, emitissem pareceres em formato de relatórios para serem avaliados pelos estudantes do 6º período.

A organização por parte dos acadêmicos do 6º período foi essencial para a realização do trabalho, para esse fim, os estudantes foram divididos em grupos com

as temáticas sobre os municípios e locais visitados. O quadro 1 apresenta a formação dos grupos e as temáticas do trabalho de campo:

Quadro 1: Cronograma e Temáticas Abordadas

| Horário | Cidade                    | Pontos/temas  | Grupo  |
|---------|---------------------------|---|--|
| 8h      | Várzea da Palma           | Barra do Guaicuí<br>Rio das Velhas<br>Igreja de Pedra (Breve discussão sobre Fernão Dias)       | GRUPO 1  |
| 9h20    | Pirapora                  | A) Assentamento Paco – Paco<br>B) Projeto AUPPI/Japoneses Casa da Uva<br>C) Distrito Industrial | GRUPO 2<br><i>(Participação de uma graduada em Geografia e Assentada no Paco-Paco)</i> |
| 13h30   | Pirapora                  | Benjamim Guimarães + Orla   | GRUPO 3  |
| 14h30   | Pirapora                  | Capitania Fluvial do São Francisco -<br>Marinha do Brasil<br>- Palestra                         | Representante da Prefeitura Municipal de Pirapora<br>Marinha do Brasil                 |
| 15h20   | Pirapora –<br>Buritizeiro | Ponte Marechal Hermes da Fonseca  | GRUPO 4  |
| 16h20   | Pirapora                  | Solatio Energia Solar<br>Desenvolvimento regional e políticas públicas (Banco do Nordeste)      | GRUPO 5  |

Fonte: Os autores. Org.: Os Autores.

A partir da divisão dos grupos, iniciaram-se as etapas para a execução do trabalho, desde a organização burocrática dos órgãos citados, até o planejamento logístico e realização didática e pedagógica. Para tanto, tiveram como princípio as discussões na universidade, usando os momentos de aulas do 1º período para mostrar como organizar uma pesquisa, isso levando em consideração a disciplina Métodos e Técnicas de Pesquisa em Geografia, enquanto que no 6º período buscou-se reforçar os conceitos e contextos abordados sobre os contraditórios cenários do Nordeste, que podiam ser aplicados à realidade da área de estudo.

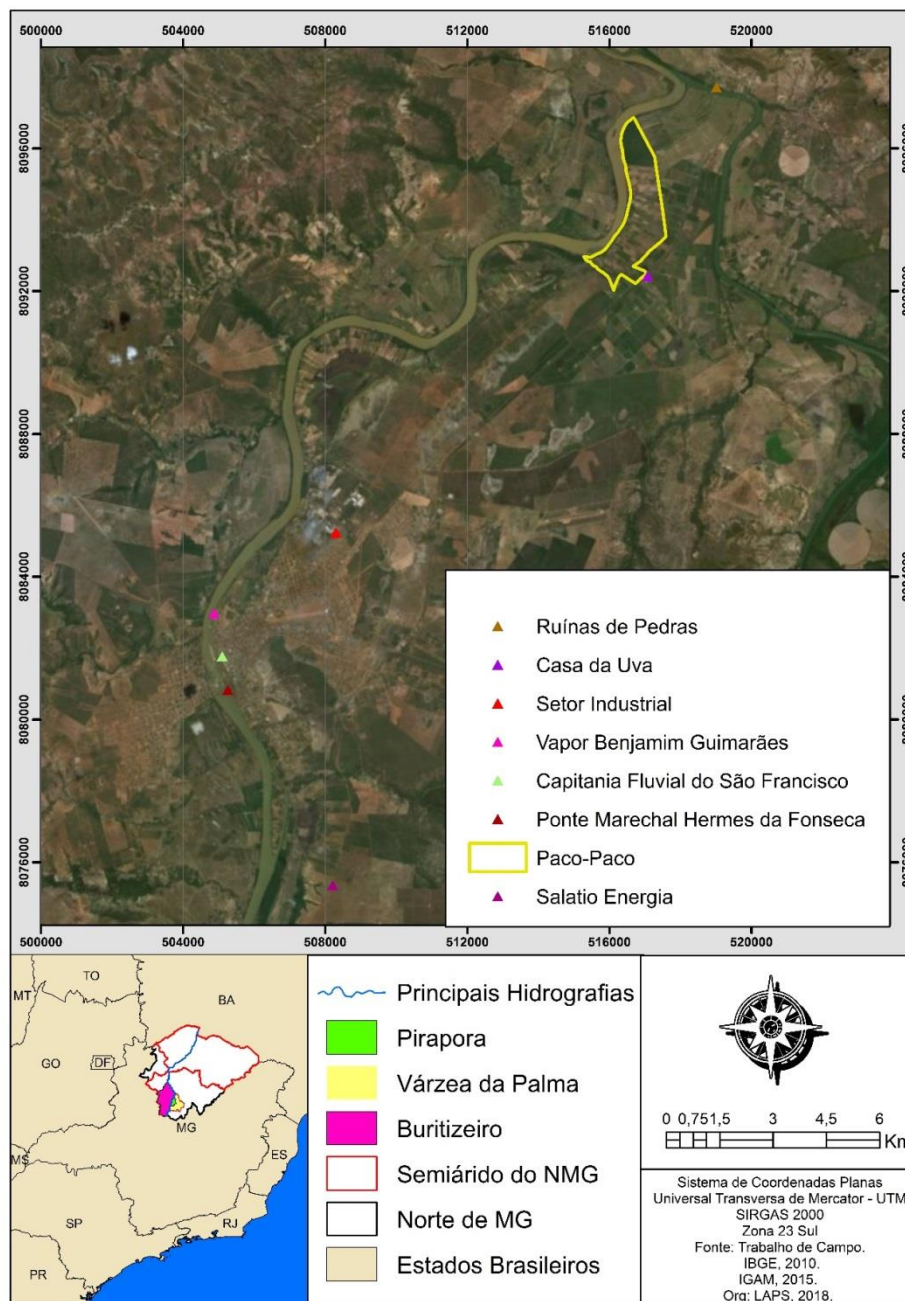
## RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados foram organizados em seções, com dados de fotografias, caracterização e reflexão teórica para cada um dos locais visitados, conforme apresentados na figura 2:

Figura 2: Mapa dos locais visitados em Campo<sup>7</sup>

<sup>7</sup> Locais como a Orla de Pirapora não foram representados cartograficamente, pois trata-se de uma área relativamente extensa.





Fonte: Trabalho de Campo, IBGE, 2010 e IGAM, 2015. Org.: LAPS, 2018.

Na figura 3, foi possível organizar um mosaico fotográfico dos locais estudados, que são apresentados na sequência do texto.

Figura 3: Mosaico de fotografias dos locais visitados<sup>8</sup>

<sup>8</sup> Salienta-se que na Marinha do Brasil não houve registro fotográfico em função das restrições internas.



Fonte: Trabalho de Campo, 2017. Org.: Os autores, 2018.

## PRIMEIRO MOMENTO - CARACTERIZAÇÃO GEOGRÁFICA DOS PONTOS VISITADOS RUÍNAS DE PEDRAS, GUAICUÍ E RIO DAS VELHAS

As Ruínas de Pedras (Igreja Bom Jesus de Matozinhos ou nossa Senhora de Matozinhos) localizam-se em Guaicuí (distrito do município de Várzea da Palma), à direita das margens do Rio das Velhas, a poucos quilômetros do encontro dos rios São Francisco e das Velhas. Na abordagem com os estudantes do 1º período de Geografia, buscou-se mostrar a importância cultural que Guaicuí possui regionalmente, e apresentar um breve histórico sobre as Ruínas de Pedras.

De acordo com a Câmara Municipal de Várzea da Palma, a construção da Igreja em ruínas, local visitado, ocorreu em meados do século XVII, pelos padres jesuítas. Há relatos de que a igreja tenha sido construída pelas mãos de escravos, no entanto essa construção fora interrompida. Existem hipóteses para esta interrupção, podendo ser a falta de mão de obra, ataque de impaludismo, poderia estar relacionada também com a expulsão dos Jesuítas do Brasil, além das enchentes que castigavam a região. Salienta-se que são apenas hipóteses, visto que há uma lacuna na história no que diz respeito a esses acontecimentos.

Ainda no campo das hipóteses, ao trabalhar-se com a temática dos bandeirantes, há suposições de que Fernão Dias, o famoso Caçador de esmeraldas, estaria enterrado nessa área reforçando, assim, discussões de que a área possuía grandes concentrações de ouro, conforme relatado pela Câmara Municipal de Várzea da Palma.

Diante disso, os trabalhos com os acadêmicos basearam-se a partir desses fatores, que pela falta de informações concretas/registros históricos, não assegura um dado verídico, e também verificou-se que essa construção, ainda que seja Patrimônio Público Estadual tombado pelo Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais (IEPHA/MG) em 22/03/1985 pelo decreto 24.324 e também municipal pelo decreto 056 de 13/05/1988, conforme exposto pela Câmara Municipal de Várzea da Palma (s/d), está sofrendo danos drásticos com eventos de vandalismo e falta de manutenção adequada pelo poder público.

Com essa abordagem, foi possível apresentar aos estudantes um pouco da realidade do local, pois em sala de aula ouve-se falar em patrimônios históricos, mas existe somente um contato teórico, no campo do imaginário. Já a abordagem em campo perpassa pelo contato físico com o ambiente, trazendo uma mensagem tangível, do contexto paisagístico e, sobretudo, histórico, cultural e socioeconômico, ao ambiente universitário.

Com relação ao Rio das Velhas, foi relevante informar aos estudantes que a população do distrito de Guaicuí, com cerca de 3.000 moradores, conforme dados da Câmara Municipal de Várzea da Palma, sobrevive por meio da pesca e da agricultura familiar, ambas atividades mantêm relação intrínseca com o Rio. Salienta-se que essa relação da população com o Rio das Velhas é harmônica, sobretudo com relação à população que realmente depende deste rio para sobreviver. Por outro lado, as pessoas com grande poder aquisitivo, que possuem propriedades luxuosas às margens do rio, não respeitam o meio ambiente, segundo o código florestal. Isto pôde ser verificado pelos estudantes que, ao aproximarem-se de uma das propriedades mais luxuosas, fizeram suas observações e tiraram suas próprias conclusões, baseados no que viram.

Em momentos de discussão, foram abordadas questões referentes à poluição hídrica lembrando que o Rio Arrudas, que passa pela Região Metropolitana de Belo Horizonte, deságua no Rio das Velhas, e que este fato, devido ao maciço desenvolvimento urbano e industrial desta metrópole, sem o devido cuidado com a



forma como o esgoto é despejado no rio, vem ocasionando uma série de problemas ambientais nas águas do Rio das Velhas.

## SEGUNDO MOMENTO: VISITA AO PROJETO AUPPI/JAPONESES, CASA DA UVA, ASSENTAMENTO PACO-PACO E DISTRITO INDUSTRIAL

No segundo momento do trabalho de campo, foram feitas observações acerca da realidade encontrada em dois ambientes: na Casa da Uva, que é um restaurante situado à margem esquerda da BR 365 no sentido Guaicuí – Pirapora e do assentamento Paco-Paco.

Os produtos da Casa da Uva são oriundos da Associação dos Usuários do Projeto Pirapora (AUPPI), projeto estruturado pela Companhia Desenvolvimento Vale São Francisco (CODEVASF), que, de acordo com sua página oficial na internet, abrange uma área de 1.236 ha, tendo o rio São Francisco como fonte de captação hídrica. De acordo com a CODEVASF (2017), os principais produtos são: banana, laranja e uva, sendo a banana aquela com maior percentual (67%), e a uva com o segundo (27%). Salienta-se que são dados atualizados até 2017.

No entanto, após as análises em campo com a participação do dono do restaurante, que é membro do projeto, soube-se que está em fase inicial, com incentivos, o plantio da monocultura de eucalipto no perímetro. Os estudantes que participavam desta etapa no campo fizeram algumas indagações, principalmente sobre o consumo de água pelo plantio e manutenção das florestas de eucalipto, discussão muito debatida no meio científico.

Após a análise deste cenário, prosseguiu-se com os trabalhos a caminho do assentamento Paco-Paco. Salienta-se que esta área é palco de diversas pesquisas, dentre elas a de Almeida (2016), que apresentou uma série de mapeamentos com o intuito de analisar o uso e ocupação do solo em assentamentos rurais no Norte de Minas Gerais através de técnicas de Sensoriamento Remoto, parametrizando o nível de conservação dos assentamentos, e a de Tomaz Jr. (2010), que discutiu a constituição de assentamentos rurais e o conceito de lugar no assentamento Paco-Paco, além de Ferreira e Machado (2017), autores que analisaram a territorialização camponesa do assentamento desde a organização das famílias e o uso da terra por elas. Esses últimos autores apresentaram uma descrição detalhada sobre a formação do assentamento, destacando, sobretudo, os diversos momentos

históricos dos assentados, desde a primeira ideia de criação do assentamento, com a primeira ocupação por 71 famílias no dia 12 de fevereiro de 1998.

Quando se faz referência, no início das discussões, às contradições históricas, evidenciadas na literatura citada, e depois se faz análise dos dois cenários, estas contradições ficam ainda mais explícitas ao comparar-se a literatura com a vivência em campo nas duas áreas visitadas, sobretudo ao perceber-se que o fator econômico torna-se o foco principal dos empresários da casa da uva, fato que entra em contraste evidente com o fator “campeinato”, luta pela terra e, especialmente, o sentimento e a ideologia, que são marcantes na vida dos assentados do Paco-Paco.

O terceiro destino, ainda dentro deste segundo momento, foi o distrito industrial, onde foram feitas observações acerca dos parâmetros de qualidade ambiental, conectando-os aos possíveis problemas de poluição atmosférica e dos recursos hídricos. Mesmo diante dos problemas apontados, destacou-se a importância das indústrias para a economia do município de Pirapora, e dos demais municípios em seu raio de abrangência, como importante fator para o desenvolvimento regional.

### TERCEIRO MOMENTO: VISITA AO VAPOR BENJAMIM GUIMARÃES, ORLA E CAPITANIA FLUVIAL DO SÃO FRANCISCO – MARINHA DO BRASIL

No terceiro momento do trabalho de campo, seguiu-se o trajeto planejado no quadro 1. Da mesma forma, buscou-se embasamento teórico para discutir sobre o primeiro local visitado nessa etapa, o Vapor Benjamim Guimarães<sup>9</sup>.

O Benjamim Guimarães possui um papel fundamental nos fatores históricos, sociais e econômicos de Pirapora, haja vista que, por muito tempo num passado não muito remoto, por este meio foram levadas mercadorias e pessoas para diversas cidades entre Pirapora e Juazeiro – BA.

O rio São Francisco no perímetro de Pirapora e por um longo trecho até o estado da Bahia não está em condições de navegação, devido ao período de estiagem que o Norte de Minas vivencia há décadas, apresentando uma evolução drástica nos últimos cinco anos. Na data do trabalho de campo, os alunos puderam verificar que a embarcação não estava em condições de navegação, apresentando

---

<sup>9</sup> De acordo com Neves (2015), o Vapor foi criado em Pittsburgh, Pa. U.S.A por James Rees & Sons Company, no ano de 1913. Pode-se verificar no decorrer da referida obra um histórico denso sobre o Vapor.



vários problemas estruturais. O representante da Prefeitura Municipal de Pirapora relatou, em momentos de sua fala que, o Benjamim Guimarães é ainda um grande atrativo turístico, haja vista que é um patrimônio cultural do município, uma vez que houve um acordo entre a Companhia de Navegação do São Francisco - FRANAVE e a Prefeitura em 08 de Janeiro de 1997, passando a transferência do Benjamim para o município conforme visto em Neves (2015).

Durante a entrevista com o representante municipal, os estudantes do primeiro período ficaram bem interessados pela história do Benjamim e pela sua estrutura física, foi questionado sobre possíveis reformas e a volta do seu funcionamento para navegação.

As discussões sobre o Benjamim Guimarães envolveram também a Orla de Pirapora, local com grande concentração de comércio, principalmente restaurantes e bares de classe média alta. As observações sobre a Orla consideraram principalmente sua estrutura e o fluxo diário de pessoas no local, além do atrativo turístico às margens do Rio São Francisco.

O outro local visitado foi a Capitania Fluvial do São Francisco, que de acordo com o sítio oficial da Marinha do Brasil possui como visão/brasão: preparar e empregar o Poder Naval, a fim de contribuir para a Defesa da Pátria; para a garantia dos poderes constitucionais e, por iniciativa de qualquer destes, da lei e da ordem; para o cumprimento das atribuições subsidiárias previstas em Lei; e para o apoio à Política Externa<sup>10</sup>. Esta base em Pirapora é responsável pelo monitoramento fluvial de Minas Gerais, tendo o comandante geral da bacia hidrográfica do São Francisco - BHSF.

Foram apresentados durante este período de visita diversos pontos de ações sociais, bem como um espaço infantil para crianças de Pirapora e região com eventos organizados pela Marinha, com ações gerais de atendimentos médicos, isso tendo objetivo central a aproximação da sociedade com a Marinha do Brasil.

#### QUARTO MOMENTO: VISITA À PONTE MARECHAL HERMES DA FONSECA

A ponte foi inaugurada em 10 de novembro de 1922, possui ferroviária metálica estruturada em treliça, com ligações rebitadas. Está apoiada em 13 pilares de concretos, possuindo uma extensão total de 694 metros com 8,40 metros de

---

<sup>10</sup> Informações disponíveis em: < <https://www.marinha.mil.br/cfsf/>>. Acesso em: 10 dez. 2018.

largura. Ainda de acordo com o IEPHA (2016), a ponte Marechal Hermes estava inserida no projeto de expansão da Ferrovia Central do Brasil que possuía como objetivo interligar a capital do Brasil, que outrora era o Rio de Janeiro, a Belém - PA. Porém, mesmo com a grande expectativa criada em consequência da inauguração da ponte e com o prolongamento da Estrada de Ferro Central do Brasil, este projeto nunca foi completado (IEPHA, 2016).

Inseridos nos debates e discussões com os acadêmicos no trabalho de campo, destacaram-se os seguintes pontos: a ponte foi, e é sem dúvida, um grande fator de integração social entre Pirapora e Buritizeiro, devido ao grande fluxo diário de pessoas, tanto nas idas e vindas para o trabalho, como para compras, passeios e demais atividades. Do ponto de vista das memórias, este ponto do trabalho de campo, assim como o Benjamim Guimarães e as Ruínas de Pedras da Igreja em Guaicuí, salientou um sentido de bens inalienáveis, ou seja, aqueles que não possuem somente valor de mercado, monetário, mas sim valores culturais e, sobretudo, patrimônio histórico-geográfico.

#### QUINTO MOMENTO: VISITA A SOLATIO ENERGIA SOLAR, DESENVOLVIMENTO REGIONAL E POLÍTICAS PÚBLICAS (BANCO DO NORDESTE)

Neste quinto e último momento do trabalho de campo, buscou-se ampliar as concepções abordadas, dando tanto o enfoque geográfico, quanto o econômico e social, tendo como primeiro ponto de estudo a Solatio, que é uma empresa espanhola de energia solar, sendo a maior usina da América Latina, que segundo Ribeiro (2016), fará um investimento da ordem de 1,6 bilhões de reais, e está situada no município de Pirapora. De fato, isto coloca Pirapora como destaque no mapa norte-mineiro e até mesmo ultrapassa a concepção de mesorregião, envolvendo discussões estaduais.

Nas observações ao longo do trecho até a chegada ao local visitado, alguns estudantes fizeram questionamentos acerca do papel da empresa em Pirapora. Vale salientar que tais questionamentos não são somente dos acadêmicos, e sim de grande parte da população. As indagações questionam se após a construção de toda estrutura da usina, haverá geração de empregos para a população. Este questionamento é amplamente feito em palcos econômicos e, sobretudo, acadêmicos de Pirapora, pois, do ponto de vista socioeconômico, este investimento ainda é questionável.

Sobre o segundo tópico de abordagem, que trata das políticas públicas do Banco do Nordeste para as áreas estudadas, salienta-se que foi uma parte do trabalho que resultou em discussões relevantes no que diz respeito ao contexto socioeconômico. No entanto, evidencia-se que foram análises incipientes, em função da magnitude do referido projeto da Solatio. Por isso, ressalta-se a importância de estudos mais detalhados em sala de aula, mantendo consonância entre sala de aula e campo, ou seja, os elementos que compõem a realidade.

Assim, foi interessante discutir sobre as premissas vistas no decorrer do campo, em dois momentos, referindo-se à seção em que se discute sobre o assentamento Paco-Paco e o empreendimento da Casa da Uva, ambos refletem distintos projetos para o campo, ou seja, o agronegócio e a agricultura camponesa.

O trabalho de campo realizado permitiu que os estudantes tivessem essa visão analítica sobre as duas realidades, se de um lado tem-se um assentamento que busca viver da terra e pela terra, com raros investimentos e, sobretudo, poucas oportunidades de linhas de créditos, do outro se tem empreendedores como os da Casa da Uva que encontram certa facilidade para tais ações burocráticas.

Sabe-se que isso não foge às regras da legislação, no entanto, foi um questionamento que permeou as discussões neste trabalho, evidenciando que os direcionamentos das políticas públicas do Banco do Nordeste, para algumas realidades, poderiam ser revistos e adequados. A partir desta última premissa, novos trabalhos no âmbito geográfico que estudam as políticas públicas do Banco do Nordeste no Norte de Minas, podem ser de grande relevância para o meio acadêmico.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa de campo é um meio e não um objeto final em si mesmo. Por isso, a pesquisa de campo é indispensável para dialogar *in loco* com as teorias e revelar o quadro social, ambiental, político e econômico.

Dentre as discussões abordadas no decorrer deste estudo, foi possível observar que os municípios analisados, mesmo com base em poucos locais (levando-se em consideração a extensão territorial dos mesmos), possuem um vasto campo para análises, com várias nuances, apresentando grande potencial ambiental, social, econômico e histórico, entre outros.

É fato que a sala de aula é limitada, e limitante, no que diz respeito a determinadas questões que precisam ser abordadas materialmente, como ocorreu, por exemplo, na abordagem dos locais que são patrimônios culturais. Se esses locais fossem limitados apenas a momentos em sala de aula, a aplicação deste conteúdo não ultrapassaria os vídeos, as leis de tombamento, as fotografias e os textos, ou seja, não sairia dos elementos teóricos. Todavia, no momento das visitas, verificou-se que a pesquisa em campo permite a materialização da vivência e do entendimento cultural dos locais, além de permitir confrontar as realidades distintas do assentamento Paco-Paco com a do empreendimento da Casa da Uva, realidades divididas por apenas alguns metros, mas com inúmeras contradições. Claramente, o campo pode mostrar tais realidades, fazendo com que as mesmas sejam sentidas.

No decorrer do estudo, verificou-se a importância do trabalho de campo para os docentes, sobretudo, em função da facilidade de explorar os elementos naturais, sociais, e econômicos; ressaltando-se ainda que tais ações são fundamentais para os estudantes de graduação, ou seja, futuros professores de Geografia, que demandarão destas estratégias didático-pedagógicas para atuarem no Ensino de Geografia, sobremaneira, na Educação Básica.

Após a realização das atividades em equipe com os acadêmicos, aplicou-se uma avaliação do trabalho de campo. Esta avaliação foi feita pelos estudantes em forma de texto, por meio de um relatório de campo. Os estudantes, de maneira geral, mostraram-se satisfeitos com o campo realizado, porém, fizeram algumas ressalvas para melhorar o trabalho, sobretudo, em relação ao excesso de informações e locais apresentados.

Diante destas ressalvas, salienta-se que dentre as sugestões para novos trabalhos de campo, considerou-se importante ajustar o tempo de percurso, podendo estendê-lo para dois dias, bem como focar outras áreas e temas para estudo, tais como: áreas quilombolas, assentamentos rurais, relação campo-cidade, entre outros aspectos socioculturais relacionados às comunidades tradicionais, bem como à compreensão socioeconômica dos municípios presentes no Semiárido.

Tomando esta experiência como fundamento, ficou evidente que o embasamento teórico, associado ao trabalho de campo, mostrou-se um instrumento de grande riqueza para a formação e consolidação do conhecimento dos acadêmicos, sobretudo, na construção de uma proposta metodológica que permita aos estudantes vivenciarem inúmeras realidades em campo, expondo-os a

conhecimentos que posteriormente poderão ser aplicados em suas aulas na Educação Básica.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, R. P. **Uso e ocupação do solo em áreas de assentamentos rurais no norte de Minas Gerais**. Dissertação (Mestrado em Produção Vegetal). Montes Claros: UFMG, 2016.

BRANDÃO, C. R. Pesquisar participar. In: BRANDÃO, Carlos R. (Org.) **Pesquisa Participante**. São Paulo: Brasilense, 1988.

CALLAI, H. C. et al. **O estudo do município e o ensino de História e Geografia**. Ijuí: Unijuí, 1988.

CAMPOS, R. R. de; PLACIDO, V. L. S. O trabalho de campo como uma proposta de Ensino de Geografia. In: **Anais XII EGAL – Encontro de Geógrafos de América Latina**, 2011, San Jose (Costa Rica), 2011.

CAVALCANTI, L. de S. **Geografia e práticas de ensino**. Goiânia: Alternativa, 2002.

CIOCARI, C. C. **Ensino de Geografia e o trabalho de campo: construindo possibilidades de ensino e aprendizagem sobre o espaço urbano e rural em Júlio de Castilhos, RS**. 2013. 91p. Dissertação (Mestrado em Geografia). Santa Maria. UFSM, 2013.

COMPIANI, M.; CARNEIRO, C. D. R. Os papéis didáticos das excursões geológicas. **Enseñanza de las Ciencias de la Tierra**, Madrid, v. 1, n.2, p. 90-98, 1993.

FERREIRA, G. H. C.; BATISTA, E. L. O trabalho de campo e a formação do educador: construindo a interdisciplinaridade. In: BATISTA, E. L.; SILVA, S. C.; SOUZA, T. N de. **Desafios e Perspectivas das Ciências Humanas na atuação e formação docente**. Jundiaí-SP: Paco Editorial, 2012.

FERREIRA, G. H. C.; MACHADO, J. A. G.. A territorialização camponesa no assentamento Paco-Paco em Pirapora-MG. **Revista Tocantinense de Geografia**, Araguaína (TO), Ano 06, n. 10, mai./ago. de 2017.

FERREIRA, M. L. de S. N. **Da Geografia de Orlando Ribeiro à Geografia Atual: Experiências com alunos do ensino secundário no contexto de prática de ensino supervisionada. Relatório de Estágio de Mestrado de ensino da História e da Geografia**. Universidade Nova de Lisboa, 2016.

IBGE. **Recursos naturais e meio ambiente: uma visão do Brasil**. Rio de Janeiro: IBGE, 2007.

\_\_\_\_\_. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**, 2017. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 16 mar. 2018.



MARCOS, V. Trabalho de campo em Geografia: reflexões sobre uma experiência de pesquisa participante. **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, nº 84, p. 105-136, 2006.

NEVES, Z. Vapor “Benjamim Guimarães”: Patrimônio dos ribeirinhos do São Francisco. **Tessituras**, Pelotas, v. 3, n. 1, p. 451-476, jan./jun. 2015.

PONTUSCHKA, N. N. et al. O “Estudo do meio” como trabalho integrador das práticas de ensino. **Boletim Paulista de Geografia**. São Paulo, 1991, nº 70, p. 45-52.

RIBEIRO, L. **Minas terá megausina solar em Pirapora**. Belo Horizonte 15/02/2016. Disponível em: <[https://www.em.com.br/app/noticia/economia/2016/02/15/internas\\_economia,734129/minas-tera-megausina-solar-empirapora.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/economia/2016/02/15/internas_economia,734129/minas-tera-megausina-solar-empirapora.shtml)>. Acesso em: 16 mar. 2018.

SENA, C. C. R. G. de. O estudo do meio como instrumento de Ensino de Geografia: desvelando o Pico do Jaraguá para deficientes visuais. **Revista Paisagens**. São Paulo, ano IV, n. 5, out. 2001, p. 13-18.

SERPA, Â. O trabalho de campo em Geografia: uma abordagem teórico-metodológica. **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, nº 84, p. 7-24, 2006.

TOMAZ JÚNIOR, V. R. **A Constituição de Assentamentos Rurais e do Conceito de Lugar**: um Estudo de Caso no Assentamento Paco-Paco Pirapora/ MG. Monografia/Geografia. Pirapora: Unimontes, 2010.

Recebido em: 21/05/2018

Publicado em: 31/05/2019